

TEMA: AS AÇÕES DOS CATÓLICOS CARISMÁTICOS NA TERRITORIALIDADE DA PARÓQUIA DE SÃO FRANCISCO EM CAMPO GRANDE-MS: A CULTURA IMATERIAL (MÍSTICA) COM ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL*

MAGALI LUZIO FERREIRA*

Desenvolvimento significa mudança, crescimento e progresso. As diversas sociedades que compõem o mundo, de maneira geral e natural buscam desenvolver-se com o objetivo de alcançar bem-estar social, político e econômico. Nestes estão contempladas várias questões que permeiam a vida humana, em especial também os assuntos sagrados.

[...] a Europa começou a se interessar pelo desenvolvimento local, “como uma estratégia adequada a las demandas sociales de mayor bienestar social y de creación de empleo” há pouco mais de vinte anos, intensificando-se significativamente na Espanha durante os anos 80, mas estendendo-se e propagando-se sobretudo na América Latina, ao longo dos anos 90, por intercâmbios entre geógrafos espanhóis e países ibero-americanos. (MARTÍN, 1999:16 apud ÁVILA 2003)

É comum associar o fator desenvolvimento com o crescimento econômico. Este por sua vez, está centrado apenas no quantitativo, enquanto que o desenvolvimento é mais abrangente e para ser realmente contemplado como tal, outros fatores devem estar compilados, tais como, a qualidade desse processo de evolução, não só da parte econômica como também social e a participação constante da população envolvida.

No processo de desenvolvimento, o alvo central é o ser humano como artesão do seu êxito ou fracasso, pois se requer que cada um, ao se tornar responsável pelo seu próprio progresso, de toda ordem e em todas as direções, influencie o seu entorno como fonte irradiadora de mudanças, de evolução cultural, de dinamização tecnológica e de equilíbrio meio ambiental. Portanto, não se obtém desenvolvimento sem que se visualize o homem, à luz da hierarquia de valores, em sua integridade como pessoa humana, membro construtivo de sua comunidade e agente de equilíbrio em seu meio geofísico. (ÁVILA et alii, 2000:23)

Para o verdadeiro sucesso de desenvolvimento local é preciso que os autores e personagens dos projetos sejam pessoas da localidade, visando à qualidade de vida para todos, sendo que, os agentes externos devem estar em cumplicidade permanente com a população local.

[...] o significado básico de local, achamos pelo menos conveniente aprofundarmos um pouco mais no nosso entendimento do que vem denominado local, no contexto da expressão desenvolvimento local, pela busca de compreensão também dos

* Artigo baseado na dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Católica do Bosco.

* Professora mestre em Desenvolvimento Local, pela Universidade Católica Dom Bosco.

princípios conceitos imbricados nas concepções de local [...]: espaço, território, comunidade (embora não explícito, este vocábulo está fortemente latente em todas elas), identidade, solidariedade, potencialidade e agente [...]. (ÁVILA et alii 2000:23)

A aplicabilidade do desenvolvimento local não pode ser a mesma para todos os lugares, o que pode ocorrer é mera semelhança, pois cada lugar tem as suas peculiaridades. E estas dependem não só do espaço territorial como também da comunidade. As ações envolvidas tanto dos agentes locais como a dos externos, devem ser pautadas no respeito à identidade local e no trabalho solidário, contribuindo, dessa maneira, com a descoberta e o desenvolvimento das potencialidades locais. Essas questões são realizáveis com os olhos voltados ao capital social e solidariedade.

CAPITAL SOCIAL E A SOLIDARIEDADE

Capital social refere-se aos valores concebidos e partilhados por uma comunidade com elementos qualitativos, como a valorização da cultura e a capacidade de produção dos indivíduos que visam realizar investimentos na mesma. “O capital social corresponde a recursos cujo uso abre caminho para o estabelecimento de novas relações entre os habitantes de uma determinada região” (ABRAMOVAY, 2000:6). Por meio do mesmo, podem-se abrir novos caminhos ou despertar velhos, ainda imperceptíveis pela comunidade.

Por sua vez, o capital social pode ter, também, retornos muito elevados para o avanço econômico e o bem-estar geral. O conhecido estudo de Robert Putnam ratifica, empiricamente, sua contribuição estratégica para o crescimento. O autor assinala que se trata de um bem público: “Uma característica especial do capital social, como a confiança, as normas e as redes, é o fato de que, normalmente, ele um bem público, diferente do capital convencional, que, em geral, é um bem privado”. Ocorre um processo de valorização oblíqua: “Como todos os bens públicos, o capital social tende a ser subvalorizado e sub administrados pelos agentes privados”. (KLIKSBERG, 1998:27)

O gerenciamento do capital social requer, inicialmente, uma confiança mútua entre os indivíduos envolvidos e uma socialização entre os diversos grupos governamentais ou não governamentais que participam do trabalho. A confiança constante sustenta a cooperação e, nesta, está instalado o primeiro passo para o desenvolvimento local.

[...] não existe uma definição de capital social consensualmente aceita. Comenta a abordagem de Robert Putnam, precursor da análise do capital, onde sugere que este capital está fundamentado no grau de confiança existente entre os atores sociais de uma sociedade, das normas de comportamento cívico praticadas e ao

nível de associatividade. Estes elementos mostram a riqueza e o fortalecimento do tecido social. (KLIKSBERG, 1999: 46)

A existência do capital social está nas redes de relacionamentos, que por subsistência passa ser um componente importante no grupo. “Revela que a superação dos problemas coletivos depende do contexto social. A cooperação coletiva é mais fácil numa sociedade que tem uma herança participativa entre os membros da mesma”. (PUTNAM, 2000:117) Também encontramos solidariedade e cooperação em situações sociais emergenciais, como já assistimos na história a passagens catastróficas onde comunidades em situações de risco de vida receberam ajuda de lugares distantes destes.

Em suma, Ávila (2000) afirma que a solidariedade desenvolve a afetividade e, esta, com a efetividade, andam juntas. As pessoas, individualmente ou em grupo, também podem se educar para exercer a cooperação de maneira solidária, pois é uma habilidade que pode ser adquirida pelo ser humano. Cooperação é uma habilidade de fundamental importância para o Desenvolvimento Local.

A COMUNIDADE LOCAL

Uma comunidade geralmente é formada por um grupo de pessoas que compartilha de um mesmo espaço geográfico, com situações econômicas e culturais comuns. Ávila apud Pierson (1968) enfatiza que dentro de uma comunidade pode haver entre os seus habitantes um relacionamento primário espontâneo e informal. Já os relacionamentos secundários são respaldados em leis, regimentos e regulamentos, sendo que, estes últimos são características que permeiam uma sociedade.

[...] cada pessoa nasceu em algum lugar, possui um ou vários lugares ao qual se refere com “lar”, um lugar onde trabalha, e talvez lugares onde vá regularmente para descansar ou se divertir. Qualquer um desses locais pode ser a comunidade com a qual a pessoa se relaciona. (Goodey, 2002:48)

Na maioria das comunidades existentes estão presentes duas instituições: a igreja e a escola, sendo que “a primeira têm aberto caminho na criação das profissões que se dedicam à ajuda ao homem, provendo recursos como escolas, hospitais, ambulatórios e instituições sociais”. (Biddle, 1967:234). São instituições que exercem atividades baseadas nas necessidades humanas.

AS PERCEPÇÕES DO SAGRADO COM ÊNFASE NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Todo espaço territorial não é estático e sim dinâmico. Esta dinamicidade leva-o a uma constante mutação. Nesta percepção, é a transformação pela qual o território passa com o desenvolvimento das relações humanas em seu meio, em especial ao princípio mais sagrado: a fé, que envolve e impulsiona os seres humanos a acreditarem, primeiro em si mesmos e, depois, na interferência que causam ao meio onde vivem.

O sagrado não tem estruturas, falar de “estruturas do sagrado” seria como falar da “quadratura do círculo”: a expressão contém uma idiosincrasia, uma impossibilidade lógica que não permite associar os termos “estrutura” e “sagrado” e leva a evitar toda combinação possível, seja ela intencional ou ingênua. (TERRIN, 2004:223)

A impossibilidade de estruturar o sagrado, conforme relata o autor deve-se ao fato deste vir carregado com um componente, na maioria das vezes, de crenças, sentimentos e fé. Sentimento que diferencia o ser humano dos outros animais; biologicamente, tem-se um cérebro através do qual e, segundo a evolução humana dos estudos até então realizados (mas nada comprovado), o homem foi crescendo e adquirindo uma inteligência diferenciada dos outros animais. Sabe-se também que a fé não é única para todos os seres humanos. Essa diferenciação de indivíduo para indivíduo, quer no mesmo meio ou não, é bastante complexa, pois, junto com a fé vem a questão cultural e sua diversidade.

[...] Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como as suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce. Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas em determinada cultura podem desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica. Ambos os mundos são predominantemente visuais: um será enriquecido por fragrâncias, o outro pela agudeza tridimensional dos objetos e espaços. (TUAN, 1997:14)

O autor descreve como as atitudes para com o meio ambiente são diferentes de cultura para cultura. É por meio do corpo e dos órgãos dos sentidos que os espaços são construídos para depois serem apropriados. Pode-se viver num mesmo espaço, mas a forma como se visualiza e se sente esse espaço se diferencia de pessoa para pessoa. Tuan (1997), no estudo das percepções, atitudes e valores do meio ambiente, acredita que os seres humanos

são altamente sociais e precisam primeiro compreender a si mesmos. Enfatiza também que os problemas ambientais são problemas humanos e estes, dependem dos valores e atitudes que dirigem as energias para alcançarmos os objetivos.

As ações que desencadeiam o desenvolvimento local desenvolvem a criatividade de seus atores e, como já mencionado na citação acima, despertam também a competitividade. Esta última evidência pode ser local ou fora do local, mas tudo está relacionado com as funções biológicas que são natas no ser humano (e diferenciadas), o qual estabelece relações afetivas com o lugar onde vive, podendo também estar ligado afetivamente a um lugar distante, porém familiar. É no lugar que se domina ecologicamente a natureza e é nele que se desenvolvem as percepções, atitudes, valores e se estabelecem relações afetivas com outros lugares e crenças.

ESPAÇO E LUGAR, AMBIENTES SAGRADOS

O mundo do sagrado se opõe ao mundo do profano assim como um mundo de energia se opõe a um mundo de substâncias (coisas, objetos). Uma coisa tem natureza fixa, ao passo que uma força ou energia pode comportar o bem e o mal, dependendo das circunstâncias; tal é o caráter ambíguo do sagrado. (FREITAS, 2000:14)

Uma cidade é constituída de histórias sagradas e profanas. Reafirmando o que Freitas escreve, (ROSENDAHL, 2002:31) “evidencia que o sagrado e o profano se opõem e ao mesmo tempo se atraem. Jamais, porém, se misturam”.

O caráter do sagrado pode ser ambíguo, porém, Freitas assinala que para os homens religiosos, o espaço não é homogêneo, mas apresenta quebras e rupturas, estabelecendo oposição entre o sagrado e todo o resto.

É preciso ressaltar a íntima correspondência do objeto sagrado e do espaço destinado para realização dos rituais religiosos. Cada religião doméstica tinha o seu espaço no interior da casa onde as cerimônias eram realizadas; não existiam regras uniformes, nem ritual comum. Cada família tinha as suas próprias cerimônias. Ali, em tempos bastante remotos, a religião doméstica definia o objeto sagrado do culto, como também demarcava o espaço sagrado no qual deveria ocorrer o conjunto das práticas religiosas limitadas ao sagrado. Cada família possuía e vivenciava seu espaço sagrado. A idéia de religião associa -se à idéia desagrado. Ambos contêm muita coisa em comum. Não sabemos dizer qual das suas idéias apareceu primeiro; o certo é que ambas se manifestam no espaço. (ROSENDAHL, 2002:26-27)

A manifestação do sagrado no espaço depende também da cultura e do meio ambiente Tuan (1997) ressalta que a cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais são os sentidos privilegiados. É fácil perceber que, tratando-se da cultura brasileira, dentre os órgãos dos sentidos, o mais privilegiado é a visão.

[...] o espaço tem uma monumentalidade que pode ser entendida como elemento revelador da história de um determinado lugar. Mas o que se revela no lugar não é apenas a história de um povo, mas o peso da história da humanidade. O lugar é também o espaço do vazio que se refere ao da monumentalidade do poder. (CARLOS, 1996:23)

No espaço territorial brasileiro encontra-se a representação da fé católica, quer seja representada de forma material ou imaterial. Nota-se em cada Estado, cidade ou bairro de uma cidade que é comum encontrar paróquias ou capelas fazendo parte do cotidiano das pessoas do lugar e, assim, construindo não só a história do mesmo, mas a das pessoas, de forma individual. Carlos (1996) destaca que lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar.

[...] a metrópole não é “lugar”, ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato, da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. (CARLOS, 1996:21)

Neste espaço de convivência comum entre os moradores de um bairro, aparecem diferenças entre os mesmos quanto à apropriação do lugar. Mas o espaço sagrado é bem visível, principalmente nas manifestações populares.

As festas populares e devoções tradicionais devem buscar nas celebrações oficiais da Igreja o seu modelo e a sua inspiração. [...] Por um lado, retratam elas a alma e a situação do povo. Por outro lado, transmitem riquezas do Evangelho e fé profunda na providência e presença de Deus [...]. (ARNS, 1981:49)

As festas sagradas constituem um dos grandes patrimônios imateriais de nosso país. Moura (2001 *apud* PINSKY, 2003) relata estas, começando pelas festas natalinas, dia 24 de dezembro; logo em seguida, outras, tais como: o Carnaval, Semana Santa, festa do Divino que faz parte do calendário litúrgico, festa de São Gonçalo, dia 10 de janeiro; festa de São Sebastião, dia 20 de janeiro; festa de Nossa Senhora dos Navegantes, dia 2 de fevereiro; festas

da Santa Cruz, dia 03 de maio; festas Juninas, dias 13, 24 e 29 de junho; festa do Padre Cícero, dia 30 de outubro; festa de Nossa Senhora do Rosário, dia 7 de outubro; festa de N. S. Aparecida, 12 de outubro; festa de Nossa Senhora da Conceição, dia 8 de dezembro; festa de Santa Joaquina, em agosto; Círio de Nazaré, segundo domingo de outubro.

Na conjuntura contemporânea, estes espaços se entrelaçam. O sagrado, para manter-se, precisa dos recursos profanos que são vividos e sentidos pelo homem que busca proteção para sua vida no espaço sagrado. Espaço este que o coloca em situação confortável e lhe dá segurança, enquanto agente social e agente histórico.

OS SÍMBOLOS TERRITORIAIS

Os símbolos também representam as conquistas de um homem ou de um povo. Exprimem suas vidas, significam tudo aquilo que as palavras não conseguiram dizer, mas está vivo, e assim permanecerá, nos símbolos. Estes contam a história de um povo, sendo, assim, um dado antropológico universal. Contém energias, forças que, ao serem reativadas, materializam-se em imagens, emoções e sons, recontando suas histórias. (LE BOURLEGAT & CASTILHO, 2003:4)

Os símbolos sagrados e profanos que se fazem presentes no território brasileiro hoje são resultados de uma longa caminhada da história. Todo território é formado por símbolos que constituem a identidade social e histórica, herdando (ou não) a interferência de agentes externos.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração [...] (BOURDIEU, 1989:15)

Os locais são permeados de símbolos, descrevendo a história e representando a identidade de um povo que sofre modificações e, com o passar do tempo, a própria dinamicidade cultural cria novos símbolos e estes passam a fazer parte do conjunto simbólico e, conseqüentemente, do legado histórico da população em favor do Desenvolvimento Local.

A RENOVAÇÃO CARÍSMÁTICA NO CONTEXTO DA TERRITORIALIDADE DO BAIRO SÃO FRANCISCO

O princípio da Renovação Carismática Católica está na fé ao Espírito Santo. Anunciado na Bíblia (Novo Testamento), nos Atos dos Apóstolos, suas ações, no entanto, no contexto bíblico, se fazem presentes desde a origem da vida até as previsões do Apocalipse, anunciando o fim do mundo.

O livro dos Atos dos Apóstolos apresentado na Bíblia Sagrada, no Novo Testamento, é o Evangelho do Espírito, no qual o Espírito Santo faz nascer a comunidade cristã e a impulsiona para o testemunho aberto e corajoso do nome de Jesus, isto é, para anunciar a palavra e ação libertadora de Jesus. Vem para transformar pessoas, relações e estruturar a sociedade. Sua mensagem é carismática, pois atende às necessidades e exigências da missão da vida comunitária, pelo empenho apostólico.

A ORIGEM E AÇÃO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

O movimento da Renovação Carismática Católica não nasceu dentro da Igreja Católica ou outra instituição religiosa. Foi no ano de 1900, nos Estados Unidos, quando um grupo de jovens universitários se reuniu para rezar e pedir com ferventes orações ao Espírito Santo os mesmos dons que ele tinha concedido aos 12 apóstolos.

Uma moça, em particular, Agnese Ozman, sentiu o impulso interior de pedir a Parham que lhe impusesse as mãos e invocasse sobre ela a efusão do Espírito Santo, como se fazia nos tempos dos apóstolos. O pastor a princípio hesitou, depois acedeu. “Naquele momento – contou a jovem – senti-me como que arrastada por um rio, e como se um fogo ardesse em toda a pessoa, enquanto palavras estranhas me vinham espontaneamente aos lábios e me enchiam a alma de uma alegria indescritível”. Mais tarde, um armênio reconheceu naquelas frases estranhas sua própria língua. No dia seguinte, os outros estudantes e o próprio Parham receberam os mesmos dons. Alguns anos depois, em 1906, estes fenômenos carismáticos verificaram-se em proporções mais vastas em Los Angeles, na Califórnia, enquanto dois anos antes se haviam repetido também em Gales, na Inglaterra. Estes fatos não passaram despercebidos; de todas as partes, as pessoas acorriam para receber aquilo que foi chamado “o batismo no Espírito” e “o dom das línguas”. (FALVO,1975:31)

O movimento de Renovação Carismática, desde suas origens, convive com as questões exógenas que influenciam o espaço religioso. As ações locais de natureza endógena, em se tratando da Renovação Carismática se entrelaçam com as exógenas, pois não se trata de um movimento unicamente local. Para os carismáticos, a ação do Espírito Santo é única e universal em todos os espaços, porém, obedecendo a certas peculiaridades, pois nenhum espaço físico é simétrico.

A ORIGEM E O PERFIL DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NO BRASIL

Este movimento no Brasil foi se formando baseado no exemplo de outros lugares, como comenta Jesus (2001, p. 84): “A Renovação Carismática Católica foi introduzida no Brasil na cidade de Campinas, se irradiou pelos centros urbanos sob a direção das dioceses brasileiras.”

O Movimento de Renovação Carismática Católica, desde seu nascimento nos Estados Unidos em 1960 e logo vindo para o Brasil, segundo Prandi (1998), vem se desenvolvendo também no espaço brasileiro, acentuando o controle moral familiar, dos costumes e da realidade, desta maneira dando grande importância aos dons do Espírito Santo, sobretudo o de falar línguas desconhecidas.

São Paulo não despreza o ‘falar em línguas’: confessa que o pratica, mas situa-o num lugar subordinado. Não o rejeita, nem o supervaloriza indevidamente [...] Essa forma de oração mais livre, mais espontânea que a oração formulada, tem e sentido. [...] Assinalei o benefício espiritual que pode ser retirado dela, e, por tê-lo experimentado, de minha parte não duvidei em colocá-la entre os frutos da Renovação”. (JUANES, 1997 apud SUENENS, 1979:89).

Observa-se nos encontros dos carismáticos que o ato de rezar em línguas diferentes das quais estamos acostumados a ouvir. Algumas pessoas relatam que a língua em sua maioria proferida nos encontros é aramaico. Mas o que fica bem evidente nos escritos de Juanes é a espontaneidade dessa oração e o poder que exerce sobre os sentimentos das pessoas.

O BAIRRO SÃO FRANCISCO DE CAMPO GRANDE/MS E O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARÍSMÁTICO

O Movimento de Renovação Carismática na Paróquia de São Francisco começou em 1980. No início, as reuniões eram realizadas no salão paroquial, localizado ao lado da igreja, pois nesta época os membros da mesma não aceitavam o movimento de renovação, por suas orações realizadas também em línguas e por seus adeptos realizarem aclamações levantando braços e batendo palmas. Esses procedimentos não eram muitos bem aceitos pelos frades franciscanos.

Existem formas de falar com o mundo de Deus que são solitárias e outras que são coletivas. Coletivamente, o modo mais comum é através da cantoria, onde a prece faz com que se juntem todos os pedidos num só, que deve “subir” aos céus levado pelas harmonias das vozes que o entoam. De fato, no nosso modo de conceber o

espaço religioso, a linha vertical e hierarquizada, que relaciona o céu com a terra e o alto com o baixo, é algo dominante e crítico. O “alto”, conforme sabemos muito bem, é tudo que deve ser mais nobre e mais forte, tudo que tem mais poder. É lá nessa esfera situada em cima que moram os anjos, os santos e todas as entidades que nos podem proteger e guiar os destinos. O “baixo” é a terra em que vivemos: vale de lágrimas onde sofremos, trabalhamos e finalmente morremos. A reza, a festividade religiosa e o canto propiciatório coletivo são meios de se chegar até essas regiões superiores, ligando o aqui e agora com o além e o infinito.(DaMatta, 1984:111)

A oração quer seja cantada ou rezada, coletiva ou solitária, delimita o espaço religioso. A linha imaginária que separa Deus dos homens, ligando o céu e a terra é algo que vem confortar o sofrimento terreno, pois quando estamos em contato com Deus por meio desses atos imateriais no sentimos fortalecidos para continuar a caminhada da vida.

A Casa de Apoio aos Moradores de rua nasceu das ações de solidariedade que o Movimento de Renovação Carismática da paróquia de São Francisco, oferece amparo a todos que buscam conforto e aconchego de um teto. Os mendigos que perambulam dormindo ao relento e muitos entregues as drogas são recolhidos para essa casa, lá recebem uma vida com mais dignidade.

[...] a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso. Aliás, sempre foi assim, e as descrições deste espaço como zona livre são copiosas.(Da Matta ,1994:325)

Da Matta faz a relação entre a casa e a rua, dois espaços comuns em nosso cotidiano. Quantos de nós convivendo entre esses têm lembranças de conflitos que estes locais nos apresentaram e “apresentam” em alguns dos momentos de nossas vidas? Temos medos e reservas para com os que estão expostos aos perigos da rua, enquanto que o lar, “família” e os que estão dentro dele, nos passam um valor imediato de confiabilidade e segurança.

Não podemos ignorar que as ações sagradas e materiais partem também de ações imateriais, como é o caso dos que fazem parte do grupo de Renovação Carismática Católica da Paróquia de São Francisco, os quais revelam que a obra edifício de “pedra e cal”, vem acoplada ao imaterial, nascendo a perseverança em mantê-la, não apenas no aspecto material,

bem como no imaterial. Isto comprova que o Desenvolvimento Local se faz com ações materiais e imateriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura imaterial se apresenta como elemento de organização em todos os espaços. Pode-se afirmar que é o elemento fundador do espaço material. Todos os símbolos de um lugar (quer sejam materiais ou imateriais) estão concisos na alma de um povo e, conseqüentemente, em suas atuações.

Todos os integrantes do grupo de Renovação Carismática Católica trabalham em Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's), porém foi observado na pesquisa que, isso é recomendado e não obrigatório. Tal atividade é realizada sem remuneração, mas alicerça e dá sustentação às ações materiais.

De tudo o que ficou exposto nesta pesquisa uma coisa há de ter relevância: a necessidade de se cultivar a fé. Desde que o homem surgiu no mundo, ele demonstra a importância de crer em um ser superior. Isso está registrado desde o Antigo ao Novo testamento. Apesar do tempo que passa, os símbolos da fé vão ficando cada vez mais marcantes nos espaços ocupados pelo homem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. Economia aplicada – nº 2, vol, IV: 379 – 397, abril/junho 2000.

ARNS, Paulo Evaristo. O que é Igreja. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiro Passos).

ÁVILA, Vicente Fideles de. Educação escolar e desenvolvimento local: realidade e abstração no currículo. Brasília: Plano Editora, 2003.

_____. et ali. (org.) Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos. 2.ed. Campo Grande:UCDB, 2000.

BIDDLE, William W. Desenvolvimento da Comunidade. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico: Fernando Thomaz de Aquino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARLOS, Ana Fani. O lugar no mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 6a ed. 79 Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1984.

FALVO, S. A hora do Espírito Santo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1975.

FREITAS, Maria Éster. Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma? 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GOODEY, Brian. Geografia do comportamento e da percepção. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

JESUS, Sandy Regina Cadette Barbosa de. A Territorialidade do Movimento de Renovação Carismática Católica na Paróquia N.S. de Copacabana – RJ. Ns. 11 e 12. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura, UERJ, jan/dez./2001.

KLIKSBERG, Bernardo. Falácias e Mitos do Desenvolvimento Social. [Trad. de Sandra Trabucco Valenzuela, Silvana Cobucci Leite]. São Paulo: Cortez/Brasília. DF: UNESCO, 1998.

_____. Repensando o Estado para o Desenvolvimento Social: superando dogmas e convencionalismos. São Paulo: Cortez, 1999.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre; CASTILHO, Maria Augusta. O Sagrado no contexto de Territorialidade. Campo Grande: UCDB, 2003.

PINSKY, Jaime, FUNARI, Pero Paulo Abreu (org). Turismo e patrimônio cultural. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003

PRANDI, Reginaldo. Um Sopro do Espírito. 2. ed. São Paulo: FAPESP, 1998.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. [Trad. Luiz Alberto Monjardim]. 2a. ed. São Paulo: FGV, 2000.

ROSENDAHL, Zeny (org). Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

SUENENS, Leon Joseph. O Espírito Santo nossa esperança. São Paulo: Ed. Paulinas, 1979.

TERRIN, Aldo Natale. Nova era: a religiosidade do pós-moderno. [Trad. Euclides Balancin]. São Paulo: Loyola, 2004.

TUAN, Yi – Fu. Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Difel, 1997.